

ARQUIVO SECRETO

**CONTOS E POEMAS
POLICIAIS E DETETIVESCOS**

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Sonhos assassinos, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 05

Na água, por Mónica Palacios, pág. 10

OreOreNo, por Ney Alencar, pág. 12

Tout N'Est Pas Rose - Parte I, por Roberto Schima, pág. 16

Tout N'Est Pas Rose - Parte II, por Roberto Schima, pág. 22

Tout N'Est Pas Rose - Parte III, por Roberto Schima, pág. 28

Outra vida, por Thiago Gesser, pág. 32

Indícios de amor, por Wanda Rop, pág. 37

Conheça outros títulos da coleção, pág. 39

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale

E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.facebook.com/conexaoliteratura





ARQUIVO SECRETO
CONTOS E POEMAS POLICIAIS E DETETIVESCOS



APRESENTAMOS O CONTO
SONHOS ASSASSINOS
Por Clayton Alexandre Zocarato

Sobre o autor: Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldrávias.

Email: claytonalexandrezoocarato@yahoo.com.br

Instagram: [Clayton.Zocarato](https://www.instagram.com/Clayton.Zocarato)

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

LINE DO I

Tinha saído do hospital psiquiátrico havia pouco tempo. Diazepam e Gardenal eram seus fiéis companheiros todas as noites, de insônia, aonde os seus piores fantasmas vinham habitar sua mente.

No criado mudo envelhecido, uma bituca de cigarro, junto com a companhia do uísque mais vagabundo.

Continha na sua paranóia libertar-se das lembranças de sua infância miserável e tentar, através do homicídio, realçar um pouco de dignidade pessoal.

Seus primeiros assassinatos foram como uma forma existencial de gritar para si mesmo silenciosamente, que ainda continha sangue em suas veias.

Não tinha um padrão normal de um *“serial killer clássico”*, pois vivia ente a escória de uma sociedade marginalizada, cruel e que não se importava com a opinião de ninguém.

A polícia estava há tempos, em seu encalço.

E como diria uma velha canção do grupo de rock IRA, *“era o tesouro dos jornais”*. E como era!

Toda sua façanha sanguinolenta era divulgada sem nenhum pudor, o que fazia somente aumentar a dor daqueles que tinha que ficaram para enterrar os corpos de seus entes queridos através, de sacos plásticos que eram reunidos e amontoados sucessivamente, para recolher os milhares de pedaços epiteliais, que foram retalhados por sua fúria.

Dentre sua mente histriônica, matar era como comer.

Precisava daquilo mais do que nunca, o assassinio, era o fluido cerebral, que o consumia até as entranhas, em busca de novas sanhas, que pudesse assim, lhe propiciar algum sentido de existência, perante sua consciência indecente.

Seus sonhos psicodélicos de morte era uma resposta perante sua agonia em não conseguir, parar de matar, era insaciável seu desejo homicida.

Uma crueldade que foi sendo alimentada perante caminhos de um personalismo que foi sendo crescido em meio à fome e a miséria.

Em determinados momentos, quando não conseguia algum tipo de alimento, que era descartado pela CEAGESP, somente desejava assim conter algumas migalhas, mas que nem sempre era possível, pois, os miseráveis que eram em quantidade considerável não se importavam em abusar do menino, perante sua limitação física e assim o deixar para trás, sem nenhum resto de alimento.

Em alguns momentos alguma ratazana saída de alguma boca de esgoto a céu aberto, servia como um excelente prato para matar sua larica descomunal, contida em seu estomago.

Diante desse expresso de exclusão e humilhação, começou a sonhar com assassinatos, e com o desejo de se vingar de uma humanidade, jocosamente falsa, que desenhava uma litografia de civilidade mesquinha, que somente servia aos interesses dos mais nefastos, burguesinhos de plantão.

Matar seria algo, como ressuscitar-se, perante uma gama populacional que não o enxergava e nem ligava para seus problemas.

E assim aos poucos os corpos começaram a aparecer.

Quase todos praticamente com a jugular estraçalhada e com vários cortes no abdômen.

Em alguns casos, com o coração exposto cruamente.

A polícia tinha designado seus melhores investigadores, para tentar desvendar aquela onda de crimes que estava desafiando a tudo e a todos.

Sim ! O desejo era poder em sua psicologia delirante, demonstrar, que ele era fruto de uma poluição de falta de bons sentimentos, imperado na hipocrisia excludente, e que agora toda aquela metrópole teria que pagar por não ter o acolhido de maneira digna.

Diante disso, depois de cada novo banho de sangue, caminhava para as ruínas de um antigo de hotel de luxo abandonado, onde fazia sua morada, e diante abusos constante de drogas, ficava contemplando uma paisagem urbana seca, medonha, sem vida, coberta por um manto de gases tóxicos saídos dos veículos e fábricas, como também suas narinas inalavam um odor frenético de mau cheiro advindo do principal rio da cidade, que era usado para despejar todo tipo de dejetos e esgotos imagináveis.

Ele imaginava ser podre como esse rio.

Fedido, asqueroso, sem vida, que mata tudo ao seu redor, e em suas afluentes ficariam perdidas, por um turbilhão de elementos químicos mesquinhos e de odores, repletos de pesadelos não higiênicos, mas abarrotando muito pânico.

Algumas de suas vítimas foram jogadas as margens desse rio.

Ficava vendo as viaturas indo de um lado para outro, alertando a população que havia um maníaco a solta.

Depois á noite, quando não saia para sua habitual caça, ficava pensando na sua audácia em ser o homem mais procurado pela cidade.

Pensava em, como seria voltar a ser encarcerado.

Seria um espetáculo midiático e tanto, cheio de repórteres querendo algum furo, e jornalistas do mais fino calibre ao mais chinfrim, a lhe fazerem, as mais vaiadas perguntas, toscas e quem sabe alguma fosse de razoável inteligência para responder.

— Porque matou essas pessoas? Tem algum trauma, etc, etc, etc..

— Matei porque quis, necessitava de alguma forma em chamar atenção. Afinal de contas, todas as pessoas necessitam de um pouco da sombra dos holofotes, eu apenas resolvi conseguir fama através do sangue de alguns inocentes idiotas.

Durante seus sonhos mais psicóticos, desejava compor mais e mais operas de sangue, que ficasse ornada entre o absurdo de uma existência focada a causar o mais possível e variado sentido de dor alheia, como também a ficar famoso.

Não havia nenhum tipo de amor, pudor em sua mente.

A polícia se aproximava cada vez mais do seu encaço enquanto, um rastro de destruição ficava registrado quase que diariamente nos becos mais escuros.

Foi encarcerado, dentro da sua alcova de pedra lascada, em meio a pedaços humanos espalhados por todos os lados.

Até os investigadores mais experientes ficaram atordoados com tamanha bizarrice.

Durante seus interrogatórios não demonstrava qualquer tipo de remorso.

Chegava até se gabar de tanta barbárie e sofrimento, em suas costas.

— “Vocês todos incompetentes representantes da lei, esperaram que muitos inocentes viessem padecer perante minha lâmina, e agora praticamente não detém se quer a o menos a delicadeza de reconhecer que falharam em seu dever de *“proteger e servir”*”.

— Como a lei é cômica, matam para manter a ordem, mas é na desordem de pessoas, como eu, que encontram algum sentido existencial real, que faça jus aos seus anos de treinamento na academia ter algum sentido lógico claro.

Mais desafiador foi ainda foi, durante seu julgamento, deixando a corte em um estado atônito de fúria e com desejo á todo do júri popular, de praticar justiça com as próprias mãos.

— Em meus sonhos de sangue inocente derramado, nobres representantes dos bons costumes, eu ansiava por esse momento, aonde todos vocês, viriam o que sou realmente. Sou um retrato da hipocrisia de suas atitudes consumistas e egoístas, que no submundo das grandes famílias industriais e empresariais, não enxergam a podridão dos miseráveis, que ficam mendigando um pedaço de comida, em troca de sorrisinhos mesquinhos desses tão bem ditos bons homens da lei.

— Mas o que é ser bom?

— Praticar uma justiça que visa unicamente o benefício do mais forte? Vocês todos fedem a um gosto asco de hipocrisia, que ainda acreditam serem representantes da lei.

Diante tamanha injúria, os guardas com ordem do juiz o afastaram e retiraram do recinto judicial, levando-o diretamente para sala de custódia onde cantarolava mentalmente toda sua obra, como se estivesse saído de um jantar de perversidades coletivas, que fazia com que sua subjetividade demoníaca ganhasse mais força ainda.

— Matei e rezei, mas ainda nem comecei, a ter meu prazer verdadeiro, diante seu maldizer, em querer dizer, o que eu possa fazer ou não.

Essa frase repetia sucessivamente em sua psicose, e foi encontrada escrita várias vezes em sua cela depois de sua condenação, e também estavam contidas por entre as inúmeras sessões psiquiátricas aos quais passou, por polivalente catres.

O resultado disso, foi de um ser doente, mas extremamente autoconfiante, que ao qual acabou se perdendo em não saber separar sonho e ilusão.

Sua identidade nunca se soube ao certo, mas enquanto estava vivo dizia que sonhava com a sua morte, vindo ao seu encontro, e que a serviria sem pestanejar, e que seu novo real pouco importava.

Cometeu suicídio por enforcamento, feito por um lençol de uma prisão estatal, em condição sub-humana.

Vivia em isolamento, e poderia pegar condicional por bom comportamento em 25 anos, mas como também já havia esquetejado alguns de seus companheiros, ficou confinado a imensidão gelado de uma solitária.

O seu prazer era dor, matar era sua forma de respiração e consumação fraternal perante um mundo imbecilizado de egoísmo.

Assim sendo, quando os carcereiros encontraram seu corpo depois de dois dias, não houve ninguém que visse reclamar-lo, ou lhe dar algum tipo de tratamento funerário decente.

Foi sepultado como indigente, mas seus sonhos mais sanguinários, se, transformou em recordações diárias coletivas, onde matar seria uma forma de maldiçoar e lembrar para os vivos, que o crime nunca dorme, e sempre sonha em buscar novos sacrilégios estripadores.



APRESENTAMOS O CONTO

NA ÁGUA

Por Mónica Palacios

Sobre a autora: É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



LINE DO

Se abria aos poucos e servia de guia, único suporte que poderia garantir a minha sobrevivência. Parecia solidaria com nosso voo.

Cada avião abria esse surco na água, conforme a velocidade até mudava a cor da mesma, muito interessante ver como até os peixes deixam sua trilha movediça. Era preciso muita atenção para decifrar as mensagens.

Sim, parece ilógico, insólito, mas, nesse momento de acirrada violência não tinha condições de me defender. Precisei voar, aquele monomotor foi a minha salvação.

Resolvi, depois de tantos anos, contar a meus filhos, uma destas noites tormentosas e percebi no seu olhar a satisfação de entender que sempre há uma saída.

Passaram-se outros dias e Julia voltou da escola radiante, alguma coisa tinha sucedido. Ficamos sabendo que experimentou a satisfação de se adiantar a fatos que poderiam prejudicar a muitos alunos e seus esmerados trabalhos. A primeira exposição de trabalhos com folhas e pétalas exposto no pátio da escola.

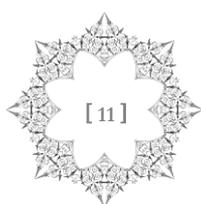
O dia parecia de janeiro, muita luz, calor, mas... Julia observou aos pássaros revolteando de uma maneira diferente, um canto mais agitado, as pombas se recolheram na cumeeira do teto da escola e ela conseguiu intuir que um temporal de areia se estava aproximando. Sugeriu levantar a exposição e, embora muitos se recusassem, porque achavam uma proposta imprópria para um dia tão bonito, além do mais, já tinham consultado ao serviço meteorológico, outros centros de informação e só receberam notícias positivas. Não cabia esse pedido agoireiro de Julia

Seu olhar impressionou à diretora, pensou e propôs a todos, aceitar e levantar a exposição.

Não passaram vinte cinco minutos e aquela tormenta de areia, assustou aos moradores, penetrou salas da escola, foi interrompido o trânsito e naturalmente, motoristas desavisados, acabaram colidindo. A cidade ficou entre uma amarelada angústia e um branco devastador.

Julia estava certa, aprendeu que, assim como as dicas que observei na água, outros sentidos aguçados também podem ser sirenes e alarmes em nossa vida.

Sem dúvida se seguiram outras experiências. Aguardem... ficarão sabendo.



APRESENTAMOS O CONTO

OREORENO

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 95 contos publicados em 27 e-books e em 34 antologias. Possui 02 Romances publicados.



LINE DO

1890. Município de Panelas. Pernambuco.

O Delegado Cassimiro olhou o corpo do Coronel Carmeliano deitado no tapete cheio de sangue com o cortador de cartas jogado ao lado.
Um mistério que não conseguia desvendar!
O corpo não tinha perfurações, já verificara quatro vezes, não tinha um arranhão sequer, mas o tapete cheio de sangue dizia o contrário.
A sala havia sido trancada por dentro!
Outro mistério. Tivera que arrombar para entrar.
Não havia outro corpo ali, nem ninguém da casa havia sido ferido com o cortador de cartas manchado de sangue.
As duas janelas da sala estavam fechadas por dentro e trancadas com um pequeno cadeado em cada uma.
Não havia meios do assassino sair da sala depois de matar o coronel, mesmo assim....
O Delegado coçou a cabeça, os cabelos ralos o lembraram de que o tempo estava passando.
Sendo verão o calor insuportável ditava regras rígidas para o velório.
O doutor Moreira, o legista, já havia chegado e esperava apenas uma palavra sua para começar.
Abriu a porta e deixou o doutor entrar.
— Preciso de respostas, Moreira!
O doutor olhou o corpo de longe. Colocou sua valise sobre uma escrivaninha de canto e a abriu. Tirou seus instrumentos e começou a trabalhar.
— Terá suas respostas em meia hora. — falou o médico sem sorrir medindo as palavras como se receitasse um remédio.
O delegado sentou-se em uma cadeira e pôs-se a observá-lo.
Cochilou. Acordou com um tapinha do doutor em seu ombro.
— Pronto!
— Já? — perguntou o delegado descrente e então ansioso — Conseguiu descobrir do que foi que ele morreu? Como foi assassinado?
— Ele não foi assassinado! — assentiu o doutor Moreira balançando a cabeça negativamente — Ele morreu de parada cardíaca!
— Impossível! E esse sangue todo de onde veio? E o rosto... veja o rosto dele.... a expressão é medonha! Não é a expressão de quem morreu do coração!
— Eu não disse que ele sofreu um ataque cardíaco! — desmentiu o doutor dando um sorriso de canto — Ele morreu de parada cardíaca porque sofreu uma emoção muito forte! Um susto, delegado!
— Morreu de susto? Impossível! Não havia nada que assustasse o Coronel Carmelindo! Ele sim assustava as outras pessoas. Até a mim ele assustava quando queria! Era um horror só. Não pode ser verdade.
— Mas é! — garantiu o doutor sentando-se na cadeira onde estivera o delegado — Morreu de susto. Um susto tão grande e tão forte que fez parar o coração e deixou essa expressão horrenda no rosto dele!
Delegado olhou em torno. A sala vazia não oferecia resposta àquela pergunta.

Andou pela sala, havia uma carta aberta sobre a escrivaninha de mogno, as bordas rasgadas por um cortador de cartas.

Pegou os papéis, duas folhas soltas e o envelope.

Foi até o corpo e pegou o cortador de cartas do chão.

As bordas combinavam, havia sido aquele cortador que abrira aquele envelope, mas como ficara manchado de sangue?

Não havia sangue nas duas folhas de papel.

Olhou a letra, era fina e bem feita e a caligrafia impecável devia ser obra de uma mulher, mas não havia muito que pudesse ler, estava em uma língua desconhecida.

— Moreira, você sabe que língua é essa? — mostrou ao doutor as duas páginas.

— Claro, é japonês, delegado. Veja, pelo endereço no envelope você pode descobrir de onde veio.

— Aqui diz Tokyo, Japão. Não sabia que o Coronel tinha negócios por lá.

— Talvez tenha alguma coisa aí que explique o susto que ele levou. Vai ver é a notícia de um filho bastardo ou algo assim. Um mau investimento talvez. Só lendo para ter certeza.

— tentou elucidar o doutor com um meneio de cabeça.

— Vou chamar Dona Sinhazinha. Ela deve saber se tem alguém aqui que fala japonês.

Minutos depois de falar com a esposa do Coronel, o delegado viu entrar na sala uma senhora bem velha, devia ter bem uns noventa anos ou mais, os olhos repuxados e a pele encarquilhada indicavam suas raízes orientais.

Apresentou-se com uma voz rouca e esquisita que deu um calafrio no delegado e no doutor.

— Boa noite, doutor delegado. Me chamo OreOreNo. A Sinhazinha disse que o doutor precisava de alguém que soubesse ler japonês?

— Exatamente. — disse o delegado mostrando as duas folhas da carta — Preciso saber o que está escrito aqui. Pode ler para nós?

— Sim. — falou a velha senhora quase num sussurro pegando as cartas da mão do delegado.

Porém, quando colocou os olhos sobre as letras estranhamente grafadas parou por alguns segundos, como se descobrisse uma coisa terrível, um segredo medonho e, tomada de uma súbita vertigem, caiu para trás desmaiada.

Foi acordada pelo doutor e pelo delegado que abanavam a pobre senhora, a cor lhe fugira do rosto e estava branca como cera, como se houvesse visto um fantasma.

— O que aconteceu? — perguntou o delegado com voz firme — O que foi que a senhora leu que a fez desmaiar? Preciso saber!

A velha tossiu e recompôs-se, então olhou diretamente nos olhos do delegado e contou:

— A carta fala de um acordo que o Coronel tinha com Shinobu Shōzu, um poderoso senhor de terras de minha cidade natal. Eu mesma não tinha conhecimento deste acordo. Lorde Shōzu mandou destruir um templo pequeno, dedicado à deuses locais e no lugar construiu um bordel, o que foi muito criticado pelos moradores na época. Como o governo local nada fizesse o acontecido foi esquecido e eu mesma nem me lembrava mais disso.

— Mas o que isso tem a ver com o Coronel? — perguntou o delegado sem entender.

— O Coronel lucrou muito com a construção do bordel e muitas das filhas dos moradores da região acabaram lá naquele lugar infeliz. Eu mesma somente não terminei ali porque a Sinhazinha me trouxe com ela quando veio para cá e me pôs como sua criada. Desde então Lorde Shōzu sempre enviava as rendas do lugar para o Coronel.

— Isso não explica o que aconteceu. — interrompeu o delegado — Por acaso o lugar faliu e o Coronel teve algum prejuízo tão grande que o assustou a ponto de morrer?

A velha deu uma pausa e continuou.

— Meu pai, que ficou por lá, pois devia muito dinheiro para Lorde Shōzu e trabalhava para ele, foi meu pai quem escreveu esta carta. Diz que começaram a acontecer coisas estranhas por lá há mais ou menos um ano atrás, por ocasião da realização de um grande festival de Hyakumonogatari Kaidankai, uma cerimônia curiosa durante a qual são contadas cem histórias sobre fantasmas.

— Ora mas isso não é motivo.... — começou o delegado, sendo interrompido por um olhar zangado do doutor e da velha senhora.

— Cada um dos homens de Lorde Shōzu que participaram da derrubada do templo sofreram acidentes estranhos e morreram, todos eles. O administrador de Lorde Shōzu, o homem responsável pela compra do terreno foi encontrado em sua casa sem o rosto.

— Como? — interrompeu o delegado aterrorizado com a ideia — Tiraram o rosto dele?

A velha não pode deixar de sorrir, depois disse bem séria:

— Não. Ele foi encontrado sem rosto, como um nopperabou, uma criatura sem face, sem rosto, sem nariz e sem boca, um fantasma das histórias antigas. A cidade ficou em polvorosa. Depois de alguns dias Lorde Shōzu foi encontrado em seus aposentos da mesma forma que o Coronel hoje, seu coração havia parado com o susto que ele havia levado, com alguma coisa que ele viu, alguma coisa tão horrenda e terrível que fez seu coração parar!

— A senhora está dizendo que a visão de um fantasma fez isso com o Coronel? — perguntou o delegado Cassimiro, sem acreditar nas próprias palavras.

A velha senhora balançou a cabeça afirmativamente.

— Existem assombrações terríveis e vingativas naquelas terras, doutor delegado! — falou a velhinha com um acento diferente, como se sua voz de repente ficasse mais roufenha e estridente de uma forma que fez o delegado e o doutor se arrepiarem de terror — Melhor seria acreditar nelas, do que vê-las em pessoa!

Com um movimento delgado a velha senhora curvou-se e por um momento apenas o delegado pareceu ver alguma coisa estranha no pescoço dela, que logo sumiu coberto pelos cabelos brancos, depois com uma mesura ela abriu a porta e saiu.

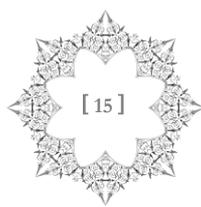
O delegado olhou para o doutor, não estava convencido de nada daquilo!

Logo em seguida escutaram uma batida na porta e a Sinhazinha abriu, vinha avisar que não encontrara ninguém que pudesse ler a tal carta em japonês.

— Mas e a velha senhora que estava aqui conosco até agora? — perguntou o delegado virando-se para o doutor que também fazia cara de espanto — Tinha um nome esquisito, parecido com Oreore alguma coisa.

O rosto da Sinhazinha empalideceu e ela disse num sussurro:

— A Senhorita OreOreNo morreu na viagem do Japão para cá, há mais de trinta anos, delegado!





APRESENTAMOS O CONTO
TOUT N'EST PAS ROSE - PARTE I
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 144 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). rschima@bol.-com.br.

LIVE DO

É fim de uma quarta-feira tórrida. Está um calor dos infernos: 33°C ou 34°C. Bem sei que no interior de meu apartamento a temperatura deve girar em torno de uns três graus a mais e, sem ar condicionado no quarto, tudo o que poderei fazer é suportar o sopro de ar quente do ventilador. Também sei que, na Índia, o povo está submetido a 50°C... 50°C! Sequer consigo imaginar tal suplício, como se não bastasse a situação de penúria em que vivem. Há décadas os cientistas alertam sobre o Efeito Estufa e, por conveniência, são ignorados por políticos, empresários e todos nós em geral. Dia chegará que imploraremos a eles por uma solução mágica. Seu eu fosse os cientistas, cruzaria os braços e nos mandaria pr'aquela lugar. Colhemos o que plantamos. Fazer o quê? Só desejo aproveitar enquanto posso e bebericar minha cerveja insanamente gelada aqui no bar. Quero apenas terminar de forma serena um dia não tão tranquilo.

— Sr. João Silva?

Respiro fundo e olho para o alto.

O sujeito é grandalhão, ombros largos. Duas enormes manchas de suor se destacam de seus sovacos.

Fico pensando em quantos homens conseguem, de fato, tomar a sua cerveja em paz. Com certeza, não sou um deles. Herança dos tempos em que era repórter de tabloide e criava histórias extravagantes pro povaréu engolir, enfiar bucho abaixo e fazer seu dia menos insípido. Porém, não estou sendo de todo honesto, afinal podia bem frequentar um bar diferente, longe do edifício Milland, onde moro. Mas venho nessa bodega do Portuga faz tempo. Gosto do aspecto decadente, das fotos dos anos 70 nas paredes, dos troféus comendo poeira, dos calendários de mulheres peladas, das carrancas da clientela, do cheiro de cachaça. As redondezas sórdidas também me atraem: os prédios pichados, a sujeira, o fedor de fumaça e urina velha. Hum... "Gostar" e "atrair" são demasiados fortes. Está mais pr'uma relação de amor e ódio feito uma espinha gorda na ponta do nariz. Seja como for, hábitos são hábitos. A vizinhança me conhece, me cumprimenta e, às vezes, ainda hoje alguém chega até mim pra narrar algo incomum: fantasmas, lobisomens, alienígenas, zumbis, duendes... Esse tipo de coisa. Chega a ser divertido, todavia, não hoje. Não agora. Só quero concluir meu dia em paz.

Havia acabado de levar um esbrega do chefe porque trocara um "S" por "Ç" numa palavra que nem me recordo qual. Por causa de um "S"! Por um triz não falei o que ele poderia fazer com esse "S". Me segurei e fiquei de cabeça baixa, afinal, os tempos mudaram. Se fosse no tabloide, não pensaria duas vezes: xingaria, seria mandado tomar naquele lugar e tudo terminaria bem. A que ponto cheguei por um melhor salário e por colocar meu nome completo na matéria? Sinto-me um prostituto. Assim, meu estado de espírito está mais para *Dona Florinda* do que *Seu Madruga*¹.

Só pretendo terminar a cerveja e o bauru, ir pro apartamento, tomar um banho gelado e cair na cama.

Mas eis que aparece o sujeito de sovaco suarento. Sua roupa é tão amarrotada quanto a que eu vestia nos tempos do jornaleco. Deve ter mais ou menos a mesma idade que a minha, porém — modéstia a parte —, estou menos acabado. Suas olheiras são mais

¹ Personagens do seriado mexicano "Chaves" (*El Chavo del Ocho*, criado por Roberto Gómez Bolaños, 1971/1980), assim como outros nomes citados ao final.

pronunciadas, assim como o número de rugas, embora eu não as conte. Seria um pouco demais... O cara teima:

— Repórter João Silva?

Fito o cara. Ele me devolve um olhar duro. Estou no ramo tempo o suficiente para reconhecer um policial, mesmo sem uniforme. É como um *outdoor* fincado na testa.

— Em pessoa — respondo de boca cheia.

— Meu nome é Elpídio. Sou detetive.

— No que posso ajudar, detetive?

— Tenho uma história pra contar.

Podia dispensá-lo nesse momento, mas com esse nome, esse tamanho e, certamente, um revólver em algum lugar, merece um mínimo de atenção. Convido-o a se sentar. O cheiro forte de suor invade minhas narinas. Peço outra cerveja ao Portuga.

— Prefiro guaraná.

Guaraná! Agora sim meu interesse é despertado. Quem já ouviu falar de um detetive troglodita com o nome de Elpídio e que não bebe cerveja? Casos estranhos já foram a minha especialidade, contudo ainda sou curioso e tenho um faro pra notícias. Falo:

— Sou todo ouvidos.

E o detetive Elpídio passa a narrar sua história.

Era de manhã quando cheguei à cena do crime.

O perímetro já fora isolado de olhares curiosos.

Tudo parecia normal, isto é, normal dentro de minha profissão: uma ocorrência, corpos, policiais, um mistério por resolver. Coisas assim.

Dois homens haviam sido assassinados no interior de um estabelecimento comercial.

A mulher que telefonara — a proprietária — estava demasiado histérica. Quem atendera a ligação, mal conseguira compreender o que dizia. Corri para lá com meus colegas.

O local era uma loja de roupas e acessórios femininos. *Charm* era o nome, nessa mania de colonizado retardado de usar um palavrório de gringo em tudo. Ao menos a grafia tava correta. Não era pequeno, mas também não era um local onde grã-fino entraria. A dona era uma coroa gostosa, mas tava tão agitada e descabelada que só faltou vestir uma camisa de força.

— Estão mortos... Mortos! — berrava. — *Mooortos!*

— Mostre-me — mandei, falando num tom mais duro do que pretendia.

Ela o fez, porém, não chegou exatamente no ponto onde se encontravam os cadáveres. Apontou.

— Ali!.. Mortos... Mortos!

— Já entendi da primeira vez.

Aproximei-me da sala. A primeira coisa que percebi foi o familiar odor de morte: pólvora, sangue, merda e mijo. Depois, manchas escuras pelo piso, em amontoados de

roupas, nas paredes e até no teto. Aumentavam a medida em que chegava mais perto. Preparei-me para o pior. Mas quem estaria, de fato, pronto pr'aquilo?

— Puta que pariu!

Vi o primeiro cadáver. Melhor dizendo, um pedaço: o braço. Estava em meio a uma poça vermelha e, sem ser perito, conclui que fora arrancado. Arrancado, entende? Não fora utilizado um instrumento de corte: faca, machado, cutelo ou serrote. A carne e os nervos estavam dilacerados; úmero, intacto. Perguntei-me quanta força seria necessária para desmembrar um ser humano — e a dor sentida — quando avistei outra parte: uma perna. Mas, nesse caso, parte da bacia estava junto, a carne, o intestino... Por mais experiente que eu fosse, a bília subiu feito cascata e botei o pão e o café pra fora. O sapato era preto e bem engraxado. Gozado pensar nisso agora, no sapato... A seguir, vi o resto do corpo; dos corpos, melhor dizendo. Despedaçados. Um banho de sangue e uma maçaroca de carne e vísceras. No outro corpo, as entranhas foram enroladas no pescoço da vítima. O couro cabeludo e o maxilar foram arrancados. Tanto sangue! Imagina soltar um balde de tinta vermelha do alto de uma torre. A sala tava desse jeito.

Foi quando, num rabo de olho, vi algo se mexer mais ao fundo. Por instinto, saquei meu revólver. Mas não era nada, ou melhor, era um rapazola mirrado, meio desvairado. Diante daquele horror, ele retirava o vestido em frangalhos de um dos manequins e limpava-o com os trapos. Surreal...

Chamei depressa um dos policiais.

— Ele tá comprometendo a cena do crime.

Se bem que o meu vômito também fizera isso...

Foram necessários três para separar o fulano do manequim e arrastá-lo de lá.

— Rose! Rose! Rose! — repetiu o Zé Doidinho feito um disco riscado. — Rose! Rose! Rose!

Quem era Rose? O maluco se referia ao manequim!

Mais tarde, enquanto a perícia fazia seu trabalho, a coroa e o Zé foram interrogados.

O policial que eu chamara primeiro revelou que as vítimas eram dois famigerados assaltantes. Eram procurados fazia tempo por vários latrocínios.

Não nego que suspirei de alívio. Pensei: "Dois a menos!" Não fui o único. Afinal, que policial não tá de saco cheio de arriscar a vida pra prender bandido e, depois, um advogadozinho de porta de cadeia entrar com *habeas corpus* e o juiz mandar soltar?

A dona da loja se chamava Mila Dubois, neta de franceses.

O rapazola era Michel Lorenzo de Albuquerque, sobrinho da coroa.

A Sra. Dubois me contou que era sempre a primeira a chegar à loja e a última a sair. Até o momento de contratar o sobrinho. E foi naquela manhã — que deveria ser um dia como outro qualquer — que ela percebeu algo errado assim que pisou na calçada: a porta fora arrombada. De forma imprudente, entrou no estabelecimento, berrando pelo sobrinho. Daí, deparou-se com a cena. A princípio, Michel tava desmaiado num canto em meio a vários manequins tombados, bolsas e sapatos. Havia sido surrado e tinha um galo enorme na cabeça.

Voltei-me para o sobrinho.

Cabisbaixo, mirava as próprias mãos trêmulas. Havia manchas de sangue entre os dedos e os braços. Uma das vistas tava inchada e quase não abria. Mantinha o corpo curvado na poltrona como se pretendesse se afundar no estofado. Vi o calombo no cocuruto. Não precisava bater os olhos nele duas vezes pra perceber que o cara possuía um parafuso a menos.

Voltei-me pra coroa. Tinha belos peitos, cintura fina e traseiro grande. Se não estivesse despenteada e de maquiagem borrada, seria uma bela figura. Perguntei se, quando achou o sobrinho, ele tava manchado de sangue.

— Não que me recorde — respondeu.

Então, as manchas apareceram enquanto ele limpava o manequim.

— E quanto aos objetos de valor da loja?

— A *Charm* tem uma seção de joias — contou, limpando as lágrimas. — Quando não estão em exposição, ficam guardadas no cofre.

— Quem sabe onde fica?

— Apenas eu.

— Pode me mostrar?

— É necessário?

Apontei para a dependência ao lado, onde ocorrera o banho sanguinário.

— O que a senhora acha?

A Sra. Mila Dubois fez cara de choro e me conduziu através da loja até o seu escritório. Uma miniatura da Torre Eiffel e outra d'O *Pensador*, de Rodin, enfeitavam a escrivaninha.

Embutido numa das paredes das imediações, atrás da reprodução de uma tela de Monet ficava o cofre. Várias outras reproduções de artistas famosos franceses enfeitavam toda a loja: Gauguin, Toulouse-Lautrec, Degas, Cézanne, Renoir... A tropa toda. Não, não sou especialista em arte, mas de tanto ouvir esses nomes, acabei decorando. Também havia retratos de atores e atrizes: Catherine Deneuve, Jean Reno, Isabelle Adjani, Gérard Depardieu, Juliette Binoche, Alain Delon, Brigitte Bardot, Louis Jourdan, Sophie Marceau, Jean-Paul Belmondo... Comecei a ter medo de fazer biquinho ao falar. Bem, examinei a porta do cofre. Não havia sinais de violação. Perguntei à coroa:

— Seu sobrinho sabe que o cofre tá aqui?

— Não. Quando eu retiro as joias pela manhã, estou sozinha. Quando guardo, mando meu sobrinho trabalhar em outro local da *Charm*.

Deduzi que devia ter sido por isso que fora espancado. Os ladrões queriam saber a localização do cofre e o rapazola ignorava.

— A senhora teve sorte.

— Sorte? Como assim? Está fazendo piada? Veja o que aconteceu! O sangue...

Começou a soluçar. Cada vez que o fazia, seus seios saltitavam no decote. Eu podia admirá-los o dia inteiro, mas tinha um serviço a fazer. Assim, expliquei:

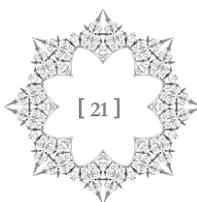
— Se os bandidos viessem cedo, seria a senhora a espancada, talvez abusada. E sem a joias. Agora, fale-me sobre seu sobrinho.

Michel Lorenzo de Albuquerque era filho de sua irmã mais velha e fora admitido por insistência desta. Conforme mencionei, o rapazola não era bom das ideias. Antissocial, vivia trancado em seu quarto. Era gago, sofria *bullying* na escola onde era tido

por esquisitão, sendo "Esquisito" o melhor dos apelidos. Preocupada quanto ao seu futuro, a mãe implorou à irmã para lhe dar um emprego menos pelo dinheiro do que um modo de fazê-lo interagir com as pessoas, ocupar a mente e ter responsabilidades. A coroa não queria homens na loja basicamente por três motivos: (1) homens não entendiam de moda feminina; (2) poderiam ocorrer flertes indesejáveis ao andamento do serviço e (3) homens não respeitavam uma patroa mulher. Questionáveis ou não as suas razões, abriu exceção ao sobrinho em consideração à irmã e porque, com ele, não haveria perigo das funcionárias ou clientes darem em cima ou vice-versa, estranho que era. Seu serviço era o de vestir os manequins, dobrar os vestidos, ajeitá-los nas araras ou guardá-los nas prateleiras. Mal fazia contato com as clientes e, na realidade, quanto menos o vissem, melhor, pois poderia influenciar no ingresso das mulheres ao interior da *Charm*. Boa tia, a coroa...

Então, perguntei sobre os demais funcionários.

CONTINUA...





APRESENTAMOS O CONTO
TOUT N'EST PAS ROSE - PARTE II
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 144 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). rschima@bol.com.br.

LIVE DO

Duas funcionárias atendiam na loja. E havia a faxineira. Falei com todas elas.

Como a coroa desejava, as funcionárias não sentiam a menor atração por Michel. Se de algum modo ele chamava a atenção, era no sentido de ser alvo de zombaria às escondidas. A faxineira, porém, sentiu piedade e, dentro do possível, chegou a ter, senão amizade, ao menos alguma empatia, pois sabia o que era o preconceito e a rejeição, seja por sua idade avançada, pelo tom de sua pele, sua condição financeira ou por ser feia. As funcionárias, embora fossem da periferia, tratavam a faxineira com desdém. Podiam fazê-lo em relação ao rapazola, porém, ele era sobrinho da dona. Assim, fingiam simpatizar com ele.

Conversando com uma delas, Maria, além do susto em relação aos assassinatos, confessou andar apreensiva com a loja fazia algum tempo. Perguntei o porquê e qual relação teria com as mortes.

— Comecei a ouvir coisas...

— Coisas?

— Barulhos. Foi como uma respiração no cangote ou gente fuxicando sem ninguém por perto. Escutava estalos e, quando me virava, só via os manequins me encarando. Ficava toda arrepiada! Tinha a impressão de ser vigiada o tempo todo. Antes não ligava pr'as sombras, agora... É estranho!

— A partir de quando reparou nisso?

— Depois que o Michel veio pra cá.

— Pensa que ele trouxe alguma assombração?

— Não sei o que pensar! — respondeu, fazendo o sinal da cruz.

A outra funcionária, Fátima, foi por outro caminho.

— Certa vez, notei o cuidado do Michel ao vestir um manequim. Demorava ao limpar o corpo. Alisava e alisava. Demorava a pentear a peruca loira. Colocava os vestidos mais caros. Acariciava o rosto. — Hesitou. — Bom... Até conversava com ela! Ele é meio doido, sabe?

— Sei... E sobre fantasmas? Percebeu algo diferente?

A moça arregalou os olhos e fez um gesto pra que eu falasse baixo. Sussurrou:

— Nunca tinha pensado na *Charm* como um lugar assustador. Mas...

— "Mas"...

— Um dia, vi Michel fazendo coisa errada e chamei sua atenção. Na hora, senti meus cabelos serem puxados para trás. Me virei... Não tinha ninguém!

— O que ele fez de errado?

— Dobrava as peças de qualquer jeito. Se fosse eu, Mme. Dubois me arrancaria o couro.

— Onde isso aconteceu?

— Na sala onde... onde... onde...

— Onde estão os corpos.

— Sim... Picadinhos... Tripas... Sangue... SIM!

A faxineira, D. Jorgina, de todas foi a mais condescendente ao falar do rapazola.

— É um bom menino.

— A senhora tem sotaque. De onde é?

— Nasci no Haiti. Vim moça pro Brasil.

— Haiti... Baby Doc... Terremotos... É só o que sei de lá. Continue, fale do Michel.

— Boa índole. Bom caráter. Mas é muito solitário e triste. Não tem amigos. Toda vez que fala, vem alguém debochar. É gago. Então, quase não conversa.

— Parece-me que a senhora conseguiu furar o bloqueio.

— Furar... o quê?

— Conseguiu fazê-lo falar.

— Alguma coisa aqui e ali. Ele é muito inteligente. Lê bastante. Sabe mais de meu país do que eu. A primeira vez que abriu a boca foi justamente pra me defender. A patroa brigou comigo porque encontrou sujeira perto da Rose.

— Rose?

O nome me era familiar.

— Rose é o seu manequim predileto. A mais bonita de todas.

Lembrei-me do Zé Doidinho chamando por ela.

— Quem deu esse nome ao boneco?

— Ele mesmo.

— Entendo...

D. Jorgina continuou:

— Tinha me esquecido de limpar o lugar. Michel mentiu. Falou que tava pondo roupa na Rose naquela hora, por isso, não deu pra varrer ou passar pano. Ele é legal, mas a tia, quando quer, é uma peste. Agradei Michel e disse que iria ajudá-lo no que precisasse. Ele sorriu.

Soube, ainda, que a coroa havia alterado o horário de serviço do rapazola para que trabalhasse das 14h às 22h. A partir daí, ela deixou de ser a última a sair e ele passou a fechar a loja.

Por fim, interroguei o próprio esquisito. Se havia uma testemunha do ocorrido, era ele, pra não dizer o principal suspeito. Porém, tê-lo por suspeito era tão difícil quanto imaginar a própria carnificina.

— Você matou aqueles caras? — perguntei logo de cara.

— Nã-nã-não! — gaguejou quando, enfim, se dispôs a abrir a boca. — Nã-não!

— O que aconteceu aqui?

— E-e-eu desmaiei. Eu...

— Conte desde o início.

— A titia va-vai me ma-ma-mandar em-em-embora?

— Isso é entre você e ela. Eu quero saber o que aconteceu aqui.

Para evitar repetir a gagueira do maluquinho, digo que ele gostou da mudança de horário. A princípio, fazia o horário comercial. Depois que parte de sua jornada passou para a noite, significou que não precisava ficar o tempo todo sob os olhares dos outros. Não se sentiu mais tão incomodado. Podia dedicar um tempo maior ao manequim de sua predileção. De fato, transformou-se em sua obsessão pra não dizer paixão. Loucuras a parte — afinal, tem gente até casando com bonecas —, era de fato bonita. Embora, como as outras, aparentasse ser feita de polietileno e coberta por tinta automotiva, era mais rica em detalhes, aproximando-se da figura humana: os cabelos louros, detalhes em seu rosto, nas mãos, nos peitos, no umbigo, nas pernas, no bumbum. Vista a distância, Rose até

podia ser confundida com um mulherão. Tanto era assim que Michel evitava trocar os trajes dela enquanto a vitrine estivesse aberta ao público. Até das funcionárias mantinha um certo recato: carregava Rose pr'um canto mais privativo onde fazia o serviço. O boneco se tornou a amizade ou a namorada que nunca teve. Foi durante a noite que os marginais entraram na loja. Surpreenderam-no enquanto ajeitava as roupas nas araras. Bateram nele pra que dissesse a localização do cofre. Só que ele não sabia. Espancaram-no tanto que perdeu os sentidos. Foi acordar horas depois, de manhã, com os gritos da tia. Aí, viu todo o cenário de horror. Era tudo o que sabia.

Acho que foi nesse momento que passei a coçar as orelhas.

Michel ignorava o que ocorrera com os facínoras.

Meu instinto me cutucou. O Zé Doidinho não foi de todo sincero. Eu não o considerava capaz de enfrentar dois homens adultos e encorpados. Melhor sorte o mirradinho não teria com uma mosca! Meio por acaso, indaguei sobre seu trabalho até me deter no manequim favorito.

— Fale-me sobre Rose.

Foi como se um raio tivesse se abatido sobre o miserável. Choramingou:

— Rose! Rose! Rose!

Desvencilhou-lhe dos que tentaram segurá-lo e correu de volta à cena do crime — agora menos tenebroso por causa da turma da limpeza —, onde havia um punhado de toalhas, baldes e sacos de lixo.

Cambaleante, Michel correu pro manequim. Era o único a estar de pé naquele caos. O pirado se grudou a Rose feito um cãozinho amedrontado em busca da proteção do dono.

— Rose!

— Não vai conseguir nada, Elpídio — cochichou um dos policiais. — Esse esquizofrênico precisa é de uma cela acolchoada.

Fiquei observando a situação patética.

Como mencionei, Rose seria uma bela mulher, se fosse de verdade. Todavia, o seu estado atual era deplorável: faltava um dos braços, a peruca fora arrancada, trazia marcas de tiros no corpo, lascas recentes na tinta automotiva cor de pele revelavam a coloração cinzenta do plástico. Estava nua. Minha atenção foi atraída para os seios e o vão entre as pernas. Tão realistas! O amiguinho aqui embaixo também achou.

Em um misto de tristeza e aflição, o sobrinho da coroa procurou pela peruca e, após achá-la, pôs sobre a da cabeça do manequim, penteando-a com os dedos. Depois, recolocou o braço.

— Meu amor... — murmurou sem gaguejar.

Fui tomado por um calafrio. O formigamento nas orelhas retornou. Um quadro começou a se formar em meu cérebro e, de tão absurdo, afugentei-o.

"Impossível!", pensei.

Vi Michel acariciar o manequim e, em seguida, procurar um vestido novo pra cobrir a sua nudez. O modo como tocava Rose... Era como se cuidasse de uma pessoa ferida. Mais até. Nenhum vacilo, nenhum tremor na voz, nenhum sinal de gagueira. Achou uma escova e passou a penteá-la de modo mais decente. Só havia afeição em seus gestos. Esqueceu-se totalmente de mim. Ao se dar por satisfeito, falou:

— Linda!

Caminhei até os dois sem alarde. Assemelhavam-se a um casal de namorados. Passei por manequins caídos e roupas emboladas. Àquela altura, devia estar um calor abrasador do lado de fora, Contudo, dentro da loja ou, pelo menos, naquele espaço, senti frio. Não percebi nenhum ar condicionado ligado.

Agora, calçando sapatos de salto alto, Rose se mostrava em toda a sua glória. Engoli em seco. Era linda de fato. Seus olhos de vidro — acho que eram de vidro — fitavam-me. Julgo-me um cara durão, mas tive de desviar a vista.

— Gosta bastante dela, não — perguntei ao rapazola.

— Si-si-sim, senhor.

— Costuma falar com ela, não é?

Ele me encarou com uma expressão apalermada. Eu o estava perdendo. Ele se afundava dentro de si. Todavia, eu tinha que continuar.

— Responda!

— Fa-fa-falo!

— E quando foi...

— O-o-o que quer sa-sa-saber? Quando co-co-comecei a falar co-com ela?

— Não.

— E-e-então...

— Quero saber a partir de que momento Rose passou a responder.

Senti um sopro nas orelhas e chacoalhei a cabeça.

O frio ao nosso redor se acentuou.

As sombras se delineararam.

Mudei de posição.

Os olhos!

Podia jurar por tudo que era sagrado que os olhos de Rose me seguiram. Atentei-me às mãos do manequim. Nelas, as lascas na pintura eram mais numerosas, principalmente nos nós dos dedos. Apesar da limpeza esmerada feita pelo rapazola, ainda havia sangue nos dedos delicados.

Michel seguiu meu olhar e tratou de arranjar um pano para limpar.

— Você a ama, não? — indaguei, esforçando-me por não tremer a voz.

— Si-si-sim, senhor.

— Há um vínculo muito especial entre você e o boneco.

— É-é-é ela — corrigiu.

— Entre você e *ela*.

— É mi-minha a-a-amiga!

— Mais do que isso.

Michel se sobressaltou ao saber que eu sabia. Contudo, não mais do que eu, assim que tomei umas das mãos de Rose na minha. Devia ser tão rígida quanto o polietileno do qual era feita — ao menos, era o que eu supunha —, porém, não. Era macia ao toque. E quente! Como? Minha mente fervilhou. Tive medo. Em verdade, borrei-me todo diante do que aquelas mãos delicadas poderiam fazer. Minha apreensão aumentou. Cada fio de cabelo me alertou: estava em perigo. Respirei fundo, controlei a voz e, o mais calmo possível, disse:

— É um cara de sorte.

Imediatamente, a atmosfera opressiva desapareceu.

As sombras sumiram.

O frio diminuiu.

Ele sorriu.

— So-so-sou sim! — falou, aliviado.

A pressão da mão de Rose em minha mão diminuiu.

Dei meia-volta e sai dali o mais depressa possível. Sabe, participei de tiroteios, estourei bocas de fumo, penetrei em cada buraco que faria um machão encher a cueca, mas uma coisa eu digo: nunca me senti tão apavorado quanto fiquei lá, a um passo de Rose.

Olhei por cima do ombro.

Vi Michel acariciando o manequim como apenas um amante o faria. Vi Rose piscar para ele. Em seguida, seus lábios entreabriram e uma voz doce murmurou:

— Meu pequeno...

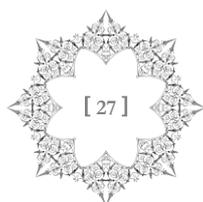
Eu juro!

No caminho pra fora da loja, comentei pra um dos peritos:

— Ma-ma-mais um caso não resolvido, Mané!

Ele se viu forçado a concordar. Se reparou na minha gagueira, não comentou.

CONTINUA...





APRESENTAMOS O CONTO
TOUT N'EST PAS ROSE - PARTE III
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 144 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). rschima@bol.com.br.

LINE DO I

Os ombros largos do detetive Elpídio, até então tensos, relaxam. Toma um demorado gole de guaraná, dando-se conta do quão seca ficou a sua garganta.

— Acabei!

Sem que peça, faço sinal pro Portuga trazer mais um refrigerante.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Como eu disse, o caso foi arquivado. O mistério ficou sem solução. O que mais podia acontecer?

O suor me escorre pelas costas até o vão entre as nádegas. PQP! O calor infernal só faz aumentar minha impaciência e irritação. E o mau cheiro.

— Qual foi a sua conclusão? Deve ter uma!

O detetive confirmou num aceno de cabeça.

— Sim, Sr. João Silva, eu tenho.

Sinto vontade de chacoalhá-lo pelos colarinhos. Fico só na vontade, afinal, o cara tem quase o dobro do meu tamanho. Mas insisto.

— Então, detetive Elpídio?

Ele me encara e recita:

— O jovem Michel Lorenzo de Albuquerque, durante o trabalho noturno na loja de artigos femininos *Charm*, de propriedade da Sra. Mila Dubois, foi atacado por dois meliantes. Ao percebê-lo em perigo, um dos manequins — a sua favorita — adquiriu vida e trucidou os caras, salvando a pele do rapaz. Ponto final. Porém, eu é que não pus nada disso no relatório!

— Mas, por que me contou?

— Precisava desabafar com alguém que não me chamasse de maluco.

— E o que se fez desse Michel?

— Sumiu e levou Rose junto.

— Abandonou o emprego?

— Sumiu, Sr. Silva... Escafedeu-se! Não voltou pra casa dos pais. A tia traumatizada fechou a loja e mudou de cidade. Em contato com ela, tampouco soube dizer do paradeiro do Zé Doidinho. Apenas reclamou do furto do manequim.

— Os pais fizeram B.O.?

— Que nada. Michel é maior de idade. No fundo, acho que sentiram alívio por se livrarem dele.

— Isso é cruel.

Esboça um sorriso amargo.

— Nem imagina o que seja crueldade de pais contra os filhos e vice-versa, Sr. Silva.

Fico pensativo, tentado a pedir outra cerveja, todavia, sem vontade alguma de terminar meu sanduiche após o cheiro de sovaco e os detalhes do crime. Falo:

— Acho que posso preencher alguns buracos da história. Já fui especialista nisso e até em cavar meus próprios buracos para o jornaleco no qual trabalhava.

— Buracos?

— Precisava ter lido minhas reportagens, detetive, como aquela dos mortos que se levantaram do cemitério e correram atrás do padre.

— Eu li.

— Jura? — Fico surpreso.

— Eram divertidas. Distraíam-me após um dia de perseguições e tragédias. Como um gibi. Se bem que, na verdade, confesso que as garotas da primeira página me chamavam mais a atenção.

— Sei... As peladonas sempre fizeram sucesso. Posso continuar?

— Vá em frente.

— Aquela velha faxineira, Jorgina. Do Haiti, não é? Lá praticam o vodu. Dizem que são capazes de fazer os mortos saírem das sepulturas. E se, por acaso, ela fosse um tipo de feiticeira, com poderes pra dar vida a matéria inanimada? Ela chegou a especificar que tipo de ajuda daria ao rapaz?

— Não que eu me recorde.

— Talvez tenha tido dó dele e fez o manequim ganhar vida pra fazer companhia, tomar conta dele. Não teve as histórias de ruídos, sombras e vozes? Por outro lado, uma das funcionárias, a tal de Fátima, pareceu interessada demais em realçar o lado esquisito de Michel.

— O que quer dizer?

— Só jogando conversa fora, criando um enredo enquanto repórter. Imagine por um momento que Fátima sabia da existência do cofre. E contou isso pra alguém. Ela podia estar envolvida ou só fofocou até terminar nos ouvidos errados. Lógico, nada disso tira o mistério por trás dos assassinatos. Não havia câmeras no local?

— Você daria um bom detetive, Sr. João Silva. O aparelho não funcionou naquela noite.

— Conveniente! Mais um detalhe: por que Rose não atacou os policiais que separaram Michel dela?

O homenzarrão dá de ombros.

— Sei lá.

— Hum... Talvez ela soubesse que Michel não corria risco de vida.

— Bom, pelo menos, prestou atenção na minha história.

— Eu poderia publicá-la...

— Desde que modifique todos os nomes e lugares! Dê umas floreadas... Minta!

— Sou jornalista! Lido apenas com a verdade.

O detetive me fita, carrancudo.

De sério, desato a rir.

— É brincadeira, detetive, pra descontrair. Eu disse "poderia". Sai do tabloide faz meses. Agora, trabalho num jornal de respeito. Jamais publicariam uma matéria dessa.

O detetive Elpídio se levanta.

— Pra mim, tanto faz. Desculpe se fiz seus ouvidos de penico. Tinha que falar. Até mais, Sr. Silva. Grato pelo guaraná.

— Até mais, detetive.

Lá se vai a versão sacana do *Professor Girafales* e seus sovacos suarentos.

Por falar nisso, o suor continua a me escorrer pelas costas. Dá nos nervos. Fico a remoer os pensamentos. Em outros tempos, já estaria transcrevendo o relato, inventando detalhes aqui e acolá pra maior dramaticidade, preparando-me pra viagem. Começaria por pesquisar o paradeiro do tal Michel. Hum... Talvez pudesse enviar a matéria ao jornaleco

sob pseudônimo! Uma colaboração de leitor. Daria certo, eu acho, contudo, o que ganharia com isso? Leitor não é pago. Meu problema maior agora é não trocar o "S" por "Ç" a fim de não contrariar um chefe de merda!

Vou pagar a conta e ir pro meu apartamento. Preciso compor uma reportagem sobre o aquecimento global, derretimento das geleiras, emissão de dióxido de carbono, elevação dos mares, alterações climáticas. Os tempos dos vampiros, sacis, cientistas malucos, caiporas e assombrações terminaram.

De súbito, na TV do bar, um âncora de telejornal menciona diversos assassinatos no litoral. É o ponto alto do noticiário. Detalhe interessante: os corpos foram completamente despedaçados.

— Que mundo doido! — resmungo o Portuga.

Ergo-me da cadeira e vou até o balcão. A essa altura, perdi não só o apetite, mas o sono também.

— Põe doido nisso, Portuga.

Observo o comerciante guardar o dinheiro. Concluo: *Senhor Barriga*, sim, parece o *Senhor Barriga*.

Caminho devagar até o edifício Milland, pensamentos em ebulição. Vou atrás da matéria ou não?

Passo pela portaria, chego ao saguão, tomo o elevador, sigo o corredor e chego ao apartamento.

Dou uma espiadinha marota no termômetro pendurado na sala. Meu Deus... 36°C!

Corro pra ligar o ar condicionado. No quarto é que não ficarei.

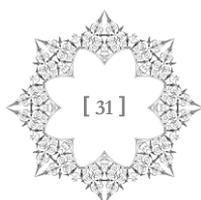
Essa quarta-feira infernal custa a chegar ao fim.

Preciso tirar a Rose da minha cabeça...

... e manter esta sobre o pescoço.

Ora, vá já pro banho, João!

Mas, como será ela?



APRESENTAMOS O CONTO

OUTRA VIDA

Por Thiago Gesser

Sobre o autor: Engenheiro de software e bacharel em Ciências da Computação, dedicou a maior parte da vida à carreira técnica, mas, nos últimos anos, reencontrou sua antiga paixão pela leitura e escrita de ficção especulativa. Começou a elaborar suas próprias histórias em 2021, dando início a um romance e publicando um conto como ebook na Amazon. Atualmente, está se dedicando a participar de variados editais literários, além de continuar a escrever seus próximos livros. linktr.ee/tgesser



LINE DO

Chamas. Fumaça. Escombros. Uma residência em ruínas. Androides trabalhando incessantemente na remoção dos pesados blocos de concreto em busca de sobreviventes, sem se importar com o fogo. Os seres emergem do inferno com uma grande caixa anticalor. Ao se aproximarem, abrem o invólucro, revelando alguns corpos carbonizados. A imagem começa a ficar embaçada e o mundo todo rodopia. Uma voz distante ganha volume...

— Aina! — exclamou um homem na porta do escritório da capitã de polícia de Nova Hamsware. A mulher, sentada à frente de uma enorme mesa de madeira polida, encarou o outro como se tivesse saído de um transe. — Você estava sonhando acordada de novo? — continuou ele conforme se aproximava. — Querida, faz só uma semana desde o desastre, você realmente deveria considerar aquela licença.

A capitã se ajeitou na cadeira antes de responder: — Eu não consigo tirar aquela cena da cabeça, Robert. É como se eu revivesse aquele momento nitidamente... a fatídica noite em que fui à consulta com o meu neurologista e resolvi voltar ao trabalho ao invés de ir para casa. Eu deveria ter morrido junto deles...

— Isto não é verdade! — retrucou ele. — Sua família também não iria querer isso.

— Minha família... quando lembro deles, parecem memórias de outra vida... mas a culpa é incessante. Sinto que se não for até o fundo disso, eu nunca ficarei em paz...

— Mas capitã, as investigações já confirmaram que foi apenas uma fatalidade. Um bombardeiro inimigo conseguiu atravessar as defesas litorâneas e — o tom se tornou pesaroso — infelizmente, acertou sua casa antes de ser abatido.

— Eu sei, eu sei... — disse Aina, tomando um momento para respirar fundo. — Bem, o que você tem pra mim nesta manhã? Algo sobre o caso do sindicato das megacorporações?

— Não, você engavetou esse caso por falta de evidências, esqueceu? É outra coisa... na verdade, eu não gostaria de estar informando isso, pois vai apenas abrir mais sua ferida.

— Ahm? Estranho... mas o que é? Diga homem, vá direto ao ponto!

— É sobre Amir Zonakov — começou Robert, receoso. — O hacker que você prendeu pessoalmente naquela grande operação contra a máfia das criptomoedas, antes de virar capitã. Ele está importunando os carcereiros e o diretor da prisão dizendo que tem informações sobre o infortúnio com o bombardeiro. Alega que não foi acidental, mas...

— Não diga mais nada, estou indo agora! — interrompeu a capitã, já em movimento. — Sinto que há algo aí. — Quando o homem percebeu, já estava falando sozinho.

Aina requisitou um carro automatizado através de seu dispositivo pessoal, mas a pressa era tanta que, logo antes de embarcar, acabou esbarrando em uma pessoa encapuzada de estranha familiaridade. Sem se importar, a detetive partiu para fora da cidade, passando por uma vasta zona rural e, quando já não havia mais casas a perder de vista, enfim chegou à colônia penal.

Já na sala de interrogatório, o detento foi forçado a sentar no outro lado da mesa. Com o apertar de um botão na parede, o guarda ativou o campo de força que dividia o recinto.

— Amir Zonakov, há quanto tempo — cumprimentou Aina, em tom de deboche.

— Tenente... ah, digo, capitã! Eu soube de sua promoção às minhas custas...

— Basta. Apenas diga-me, por que estou aqui?

— Oh, você não soube? — ironizou Amir. — Eu cuidei para que toda a sua família fosse morta: seu maridinho, sua filhinha e até seu bebezinho. A ironia é apenas você ter sobrado, mas, ao menos, viverá lamentando por eles até o fim de seus dias.

A capitã fechou o punho, socou a mesa e disse: — Eu convivo com esta verdade todas as horas, minutos e segundos da minha vida, seu desgraçado! Agora abra o bico e me conte, como você poderia ter feito isso? Toda a sua organização foi extinguida.

— Ora, como sempre fiz — respondeu ele. — Invadi os sistemas militares e redirecionei um de nossos próprios bombardeiros para a Rua Arnold Riberish, número 350. — Aina ficou pálida, mas tentou não demonstrar surpresa. Era exatamente o endereço de sua casa. — Se não acredita em mim, pode conferir nos registros de navegação das naves. Ah, mas espere, você não tem como conseguir esta informação, afinal, é só uma policialzinha de nada! — E gargalhou alto.

Por pouco ela não explodiu e partiu para cima do hacker, mas lembrou do campo que protegia ambos os lados. Tentou se acalmar respirando fundo. Processou tudo o que Zonakov falou e, com sagacidade, expôs a conclusão óbvia: — E como você fez tudo isso? Esta instalação é isolada, sem contato com a internet, seja por fio ou por ondas.

Amir conteve o riso, deixando à mostra seus vários dentes de ouro ao responder: — Ah, você não percebeu? Eu fui contactado por entidades superiores que instalaram uma máquina em minha cabeça, e agora consigo acessar a rede com o poder da mente! Eu fiz tudo sentado em minha cela, só pensando! Me ouviu? Só pensando! — E a gargalhada ganhou um tom histérico e assustador.

— Seu louco! — exclamou ela, levantando-se da cadeira em um rompante. — Vou recomendar que você seja transferido para uma unidade de tratamento psiquiátrico. Apenas perdi meu tempo vindo aqui... — E saiu da sala, furiosa.

No entanto, durante o caminho de volta, Aina se viu remoendo as palavras do maníaco até perceber que, sem querer, ele havia dado uma boa ideia para encerrar esse assunto de uma vez por todas: checar os registros de navegação das naves. E ela, apesar de não saber como invadir um sistema para obter estas informações, conhecia alguém de dentro que poderia lhe ajudar. Lina, que serviu junto dela nas forças armadas, agora era chefe de segurança de uma base no litoral. Então, com um comando de voz, o carro mudou de curso prontamente, mas uma inexplicável sensação de estar sendo observada perturbou a capitã.

Nunca era fácil passar por todos os estágios de segurança das bases militares. Lina sabia muito bem disso, afinal, havia idealizado muitos deles, então abriu uma exceção para sua antiga amiga. Já era fim da tarde quando elas se encontraram e Aina parecia aflita.

— Lina, eu preciso lhe pedir um grande favor.

— Outro? Você esteve aqui ontem mesmo pedindo informações confidenciais sobre o funcionamento dos bombardeiros inimigos. Mas hoje você parece diferente...

— Ontem? — indagou Aina, surpresa. — Querida, ontem eu fiquei na delegacia o dia inteiro. Não está confundindo? Eu só preciso ver os registros de navegação de nossas naves...

— Nossas naves? — interrompeu ela. — Olhe Aina... eu sei que você passou por uma dor inimaginável. Não ouse comparar nem com os terrores que vivemos no front. Quem sabe este trauma possa estar mexendo com a sua cabeça. Como tem se sentido ultimamente?

— Bem, na medida do possível... mas para dizer a verdade, eu tenho andado um pouco aérea nos últimos dias. Mas eu lembraria se tivesse vindo lhe visitar, não?

A expressão da chefe de segurança demonstrava preocupação. Tomou um tempo encarando a amiga antes de dizer: — Tudo bem, vou quebrar o protocolo para te ajudar. Mas que isso não saia daqui! — E com alguns toques em seu dispositivo, liberou o acesso à Aina.

— Claro, claro, muito obrigada! — disse ela, olhando para a amiga com um sorriso, mas depois voltou a atenção ao seu próprio dispositivo. — Pesquisador, procure por anormalidades nos registros de navegação dos bombardeiros ancorados em todo o nosso território, especificamente no dia da tragédia com a minha família. — No próximo instante, informações apareceram na tela, deixando a detetive confusa. — O que significa isso, Lina?

Surpresa ao ver aquilo, a militar gaguejou ao falar: — S-Significa que os registros de um bombardeiro chamado Galdarius foram corrompidos. Estão desfigurados, ilegíveis.

— E como isso poderia ocorrer?

— Apenas numa tentativa de adulteração...

Aina voltava para Nova Hamswore em uma viatura veloz, exclusiva para policiais em situações de emergência. Passava por uma rodovia que revelava o belo litoral daquela nação, mesmo à noite. Tinha pressa para reabrir a investigação do bombardeio, pois iria utilizar todos os recursos e favores disponíveis para chegar ao fundo disso. Nada mais lhe importava.

Mas, de repente, seus pensamentos foram interrompidos por um carro barulhento que surgia no retrovisor, aproximando-se em velocidade. Quando se posicionou para ultrapassar, ele, na verdade, virou com tudo para cima do veículo da detetive. Seus modernos recursos de segurança se ativaram conforme a caixa de metal batia na mureta e rodopiava na pista.

Ao sair rastejando do automóvel amassado, Aina apresentava algumas escoriações e um corte profundo no braço. Estava em choque, mas iria ficar ainda mais chocada com o que veria a seguir. Havia outra Aina de pé, parada próxima ao carro que a atingiu.

— Enfim, eu tenho tudo que preciso para terminar com esta farsa — disse a pessoa, conforme se aproximava. A expressão de assombro na detetive só aumentava. Quando se encontraram, a Aina ilesa se abaixou, pegou no braço machucado da outra e mostrou. — Veja o metal por debaixo de sua pele sintética. Carne e ossos não devem ser tão fáceis de replicar.

— O que...? — contestou a Aina ferida, com enorme espanto nos olhos.

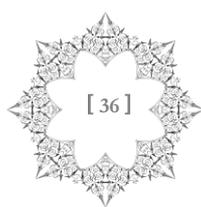
— Você não passa de uma androide com minha cara e minhas memórias — recomeçou a outra. — Eu não entendo como fizeram isso, mas sei que meu neurologista estava envolvido, “digitalizando minha mente”. Ele mesmo confessou, mas só depois de perder um dedo — parou por um instante, como se lembrasse. — Eu desconfiava que tudo era um complô das megacorporações para silenciar a investigação contra eles e ainda colocarem um fantoche obediente dentro da polícia. Seriam dois coelhos com uma cajadada só... — uma expressão sinistra tomou-lhe a face. — E o que ouvi daquela escuta que plantei em você lá na frente da delegacia, quando nos esbarramos, apenas confirmou minha teoria.

— Eu... não acredito em você... devo estar delirando... preciso voltar e...

— Você não vai fazer nada! — interrompeu ela, puxando uma pistola. — Eu estava em casa no momento do bombardeio e sobrevivi pelo acaso de estar no jardim. Fui lançada longe com o impacto e desmaiei nos arbustos. Quando acordei, vi você lá e, subitamente, entendi tudo. Passei a semana investigando na encolha, enquanto você brincava de ser eu. Mas não se preocupe, não vou mais deixar eles te usarem em benefício próprio. Hoje, a morte da capitã Aina Dubel vai ser a manchete dos noticiários, para que eu, uma ninguém, seja livre para continuar minha vingança. E todos vão pagar! Começando por você, minha outra vida...

— Não! Espere! Eu sou a verdadeira, não a outra! A honrada capitã de...

Um tiro foi disparado. E novamente, havia apenas o pacato som das ondas do mar...



APRESENTAMOS O POEMA

INDÍCIOS DE AMOR

Por Wanda Rop

Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/ Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Curso Superior em Filosofia, Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros "Paixões e Poemas de uma mulher intensa"- Ed Sunny e "Tempo de Amar"- Ed. Baronesa.

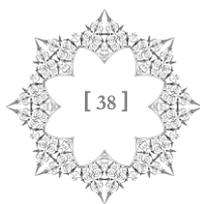
LINE DO I

Indecifrável, cativante e profundo olhar
Exímio policial, enigmático e atraente
Indícios revelam sua dor em amar
Aprisionado, idolatrando uma mulher indiferente

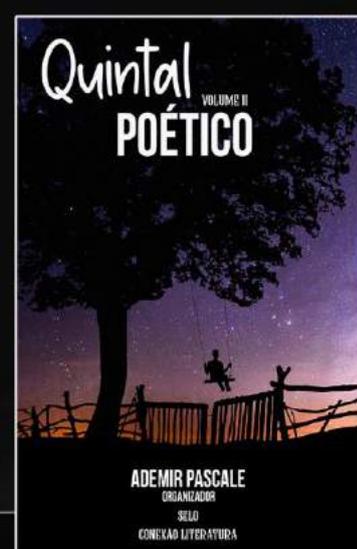
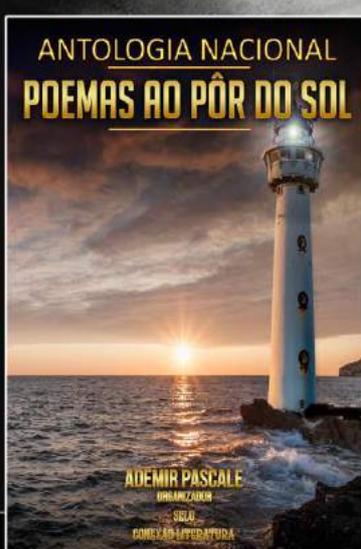
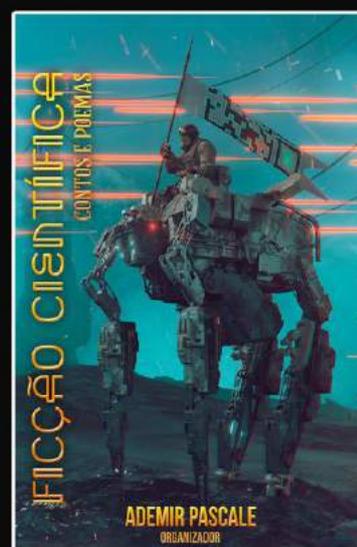
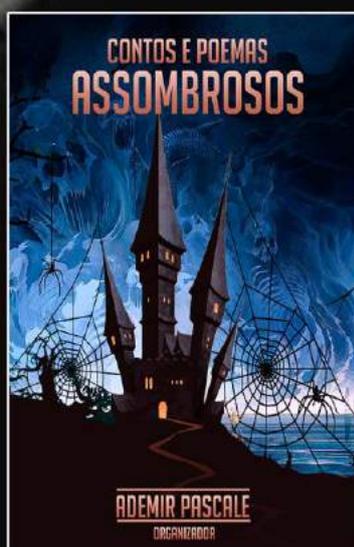
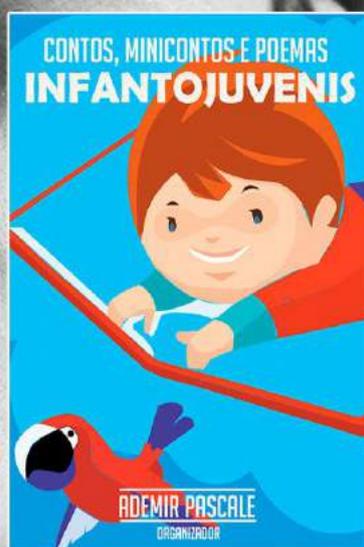
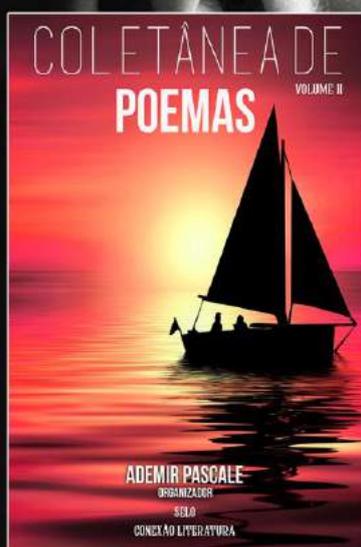
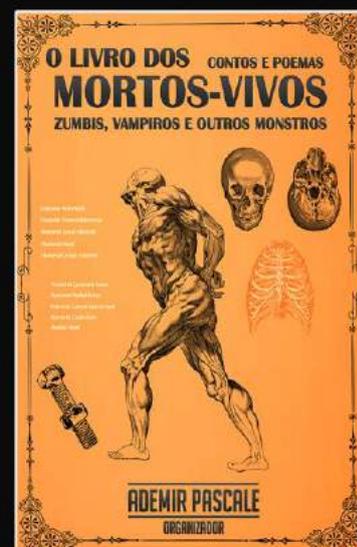
Homem da lei, rendido às loucuras da paixão
Desobediente coração, escravo de sua musa
Sente-se em êxtase, um simples toque desperta emoção
A amada formosa o desnorteia com gestos de doçura

Força de segurança algemada ao sentimento
Diante da deslumbrante mulher insensível e desleal
Amor não recíproco é como um crime fatal

Provocante, capciosa, puro tormento
Mulher, desalmada, não cede ao beijo ardente
Tristonho amante padece com a alma carente



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI